



**Educação infantil e educação antirracista: Contribuição da
Literatura Infantil**

Sorocaba

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

TAMIRES MARIA DO NASCIMENTO PIMENTEL

Educação infantil e educação antirracista: Contribuição da Literatura Infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Andréia Regina de Oliveira Camargo

Coorientação: Prof^a. Dr^a Maria Walburga dos Santos

Sorocaba

2024

Maria do Nascimento Pimentel, Tamires

Educação infantil e educação antirracista: Contribuição da Literatura Infantil / Tamires Maria do Nascimento Pimentel -- 2024.
46f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Andréia Regina de Oliveira Camargo
Banca Examinadora: Rafael Romeiro Doin, Gabriela Maldonado Sewaybricker, Gabriela Aceituno
Bibliografia

1. Educação Antirracista. 2. Educação Infantil. I. Maria do Nascimento Pimentel, Tamires. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 15/2024/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso
Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)
FOLHA DE APROVAÇÃO

TAMIRES MARIA DO NASCIMENTO PIMENTEL

EDUCAÇÃO INFANTIL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 06 de fevereiro de 2024

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof.ª Dr.ª Andréia Regina de Oliveira Camargo
Membro da Banca 1	Prof. M.e Rafael Romeiro Doin
Membro da Banca 2	Prof.ª M.ª Gabriela Maldonado Sewaybricker



Documento assinado eletronicamente por **Andréia Regina de Oliveira Camargo, Professor(a)**, em 06/02/2024, às 12:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1348404** e o código CRC **6FBAABF0**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.000969/2024-02

SEI nº 1348404

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DocuSigned by:
Rafael Romeiro Doin

Prof. M.e Rafael Romeiro Doin

DocuSigned by:
Gabriela Maldonado Sewaybricker

Prof.ª M.ª Gabriela Maldonado Sewaybricker

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os educadores que, assim como eu, estão empenhados na busca por uma educação de qualidade e comprometidos em respeitar plenamente os direitos das crianças. E para minhas crianças, Kauanny e Lívia.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão a Deus. A Ele agradeço por guiar meus passos e conceder as bênçãos que tornaram este caminho possível.

Expresso minha gratidão à minha mãe, Marli, da qual herdei o amor pela educação.

Ao meu pai, Marcos, cuja fé constante no meu potencial foi um alicerce fundamental ao longo dessa jornada.

Ao meu irmão, Rafael, cujas palavras inspiradoras, "A vida é sua, então siga seus sonhos", foram o empurrão que eu precisava para me matricular no curso de pedagogia na UFSCar. Sua motivação e apoio foram essenciais para o início desta jornada educacional significativa.

Ao meu grande companheiro, Winis, que compartilhou e atravessou esta jornada ao meu lado, que nossos caminhos, mesmo separados, sejam lindos.

Manifesto minha sincera gratidão a todas as professoras que cruzaram meu caminho. Foram essas educadoras, com seus conhecimentos e dedicação, que proporcionaram um encantamento único, tornando possível trilhar este caminho educacional com inspiração e aprendizado contínuo.

Flávia e Luana, cujo jeito doce foi uma fonte adicional de conforto e estímulo ao longo do meu percurso educacional.

Fabiana e Jéssica pela parceria incrível e por compartilharem as "loucuras" do dia a dia. Juntas, enfrentamos desafios, celebramos conquistas e criamos memórias valiosas.

Pauline e Rafaela pelo companheirismo durante a graduação.

Gabriela, pelo conhecimento, pela amizade e pelo colo nos momentos difíceis.

Às minhas orientadoras Andréia e Walburga, por guiarem e orientarem este trabalho.

E a mim mesma, com grande custo, acreditar no meu potencial foi essencial para a escrita e elaboração desta pesquisa.

RESUMO

Pimentel, Tamires Maria do Nascimento. Educação Infantil e Educação antirracista: Literatura Infantil. Educação infantil e educação antirracista: Contribuição da Literatura Infantil. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Literatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, S.P., 2024.

Esta pesquisa propõe uma análise aprofundada sobre o papel do movimento negro na conquista de direitos na educação infantil. Além disso, visa contribuir para uma prática docente engajada na promoção de um ambiente antirracista na creche, destacando a importância da literatura infantil como ferramenta transformadora nesse contexto. O estudo busca não apenas compreender os avanços conquistados pelo movimento negro na esfera educacional, mas também fornecer orientações práticas para educadores que buscam efetivar a promoção da igualdade racial desde os primeiros anos de vida das crianças. Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada em revisão bibliográfica e enriquecida por memórias pessoais, busca responder a questão problema: Quais são as contribuições da literatura para construir uma escola antirracista desde a Educação Infantil? O estudo visa contribuir para a promoção de uma escola que respeite os direitos das crianças e promova uma educação que busque combater os estereótipos, preconceitos e desigualdades, assegurando que a Educação Infantil se configure como um ambiente de aprendizado enriquecedor e respeitoso para todas as crianças. Como conclusão, destaca-se a urgência de transformar a escola em um ambiente que respeite as singularidades e diversidades.

Palavras-chaves: educação antirracista, literatura infantil, educação infantil, movimento negro, identidade

ABSTRACT

Pimentel, Tamires Maria do Nascimento. Early Childhood Education and Anti-racist Education: Children's Literature. Early Childhood Education and Anti-racist Education: Contribution of Children's Literature. 2024. Undergraduate Thesis (Literature in Pedagogy) - Federal University of São Carlos, Sorocaba campus, Sorocaba, S.P., 2024.

This research proposes an in-depth analysis of the role of the black movement in securing rights in early childhood education. Furthermore, it aims to contribute to a teaching practice committed to fostering an anti-racist environment in daycare, emphasizing the significance of children's literature as a transformative tool in this context. The study seeks not only to comprehend the advancements achieved by the black movement in the educational sphere but also to provide practical guidance for educators striving to promote racial equality from the earliest years of children's lives. This research adopts a qualitative approach, centered on literature review and enriched by personal memories, addressing the research question: What are the contributions of literature to building an anti-racist school from Early Childhood Education? The study is grounded in the promotion of a school that respects children's rights and advocates for education that combats stereotypes, prejudices, and inequalities, ensuring that Early Childhood Education constitutes an enriching and respectful learning environment for all children. In conclusion, it emphasizes the urgency of transforming the school into an environment that respects singularities and diversities.

Keywords: anti-racist education, children's literature, early childhood education, black movement, identity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Livro: “Menina Bonita do Laço de Fita”	11
Figura 2 – Livro: “Com qual penteado eu vou” de Kiusam de Oliveira	14
Figura 3 – “Personagem Aisha.”	28
Figura 4 – Livro: “Gente de cor, cor de gente” de Mauricio Negro.....	28
Figura 5 – “ <i>Qual seu tom de pele?</i> ”	29
Figura 6 – “ <i>Diversidade de tons de pele no grupo.</i> ”	30
Figura 7 – “ <i>Os tipos de cabelo.</i> ”	31
Figura 8 – Livro: “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes” de Rubem Filho.....	32
Figura 9 – “ <i>Espelho, espelho meu. Quem sou eu?</i> ”	32
Figura 10 – Resultado da atividade : <i>Espelho, espelho meu. Quem sou eu?</i>	33
Figura 11 – Página nº 16 e 17 do livro “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém.....	34
Figura 12 – Resultado da atividade: O cabelo de Lelê de Valéria Belém.....	35
Figura 13 – Livro: “O pequeno príncipe preto” de Rodrigo França.....	36
Figura 14 – Resultado da atividade: O pequeno Príncipe preto de Rodrigo França.....	37
Figura 15 – Livro: “Obax” de André Neves.....	37
Figura 16 – <i>O encantamento refletido nos olhos da infância</i>	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica

DCNERER - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

Funai - Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. MOVIMENTO NEGRO E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	18
3. CAMINHOS PERCORRIDOS.....	23
4. ANTIRRACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TONS PARA LEMBRAR E RESPEITAR.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6. REFERÊNCIAS.....	43

1. Introdução

O presente trabalho busca trilhar um caminho para a compreensão do movimento negro nos ganhos de direitos dentro da educação infantil além de contribuir com uma prática docente que se preocupe em tornar a creche um ambiente antirracista por meio da literatura infantil. Esta abordagem envolve a introdução de um movimento que aproxima as crianças à temática antirracista, temas essenciais na educação de crianças muito pequenas, com idades de 2 a 3 anos, e de crianças pequenas, com idades de 4 a 5 anos, de maneira lúdica.

O estudo se divide em três capítulos que se conectam e fundamentam a abordagem da pesquisa. A princípio apresento ao leitor em primeira pessoa, por meio de um memorial, a jornada profissional e pessoal que resultou nas ideias apresentadas neste trabalho e nas reflexões por elas construídas.

Iniciei minha trajetória pela escola aos 4 anos, durante a educação infantil estudei em duas creches no interior de São Paulo, as memórias que tenho dessa época revelam uma infância divertida e brincante, mas com suas limitações. Esses momentos ficam gravados em minha memória e me questiono: Qual foi o verdadeiro impacto da educação infantil em minha vida? Além dessas reflexões, pondero sobre minha identidade como indivíduo, investigando de que maneira a educação infantil desempenhou um papel significativo em minha infância, considerando-me uma criança negra.

Refletindo sobre o meu passado, iniciei a escola após passar por um processo de adoção, a creche foi um espaço de muitas descobertas, no entanto não me recordo de vivenciar momentos lúdicos ou de rodas de histórias em que os livros tinham protagonistas negros, ou abordavam temáticas de embelezamento da cor de pele, do cabelo e de ter contato com figuras e personagens negros. Meu primeiro contato, em algum momento durante o ensino fundamental 1, foi o livro de Ana Maria Machado, “Menina bonita do laço de fita” publicado em 1986 (Figura 1). E depois desse, não teve nenhum outro.

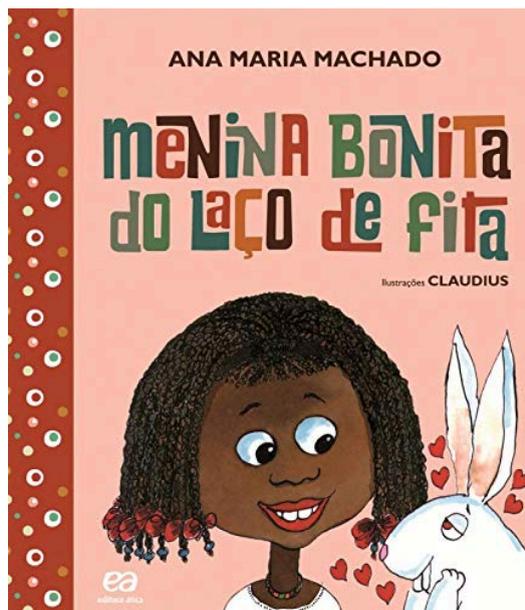


Figura 1: Livro Menina Bonita do Laço de Fita de Ana Maria Machado.

Essas escassas lembranças não me proporcionaram a fortaleza necessária para lidar com as crueldades evidentes de preconceitos raciais. Por exemplo, durante o ensino fundamental, enfrentei comentários depreciativos em relação ao meu cabelo, sendo descrito como "bombril" ou "cabelo ruim" de forma recorrente. Essas situações tornaram-se parte do meu cotidiano, levando-me a refletir constantemente sobre qual penteado escolher, com a resposta comum sendo sempre "amarrado".

Ao entrar no ensino médio, em uma escola nova, fui me identificando, me sentindo à vontade e finalmente tive a coragem de assumir meus cachos, meu cabelo e minha identidade. Nesse processo de amadurecimento e conhecimento fui me aproximando das militâncias negras e feministas, o ambiente escolar foi um espaço crucial para que eu trilhasse este caminho com mais criticidade e meu amor pela educação se tornou definitivo. Filha de coordenadora pedagógica, a influência e interesse na área de pedagogia sempre esteve muito presente, desde pequena visitava as escolas de minha mãe e me encantava, tive diversas oportunidades de estar envolvida com as crianças e com as professoras, estar na escola e saber que através dela é possível conhecer e fazer diferença na vida de famílias foi o ponto de partida para minha escolha na graduação.

Falar sobre educação numa Universidade Pública, é entender uma educação para a transformação do indivíduo e que é capaz de trazer reflexão e contribuição para uma sociedade que respeite a diversidade e seja inclusiva. A partir desse processo, pude aprimorar

meu conhecimento e construir um repertório teórico que embasa minha prática, voltada para o respeito à criança e à promoção de seus direitos. Esse desenvolvimento contribuiu significativamente para meu envolvimento com a cultura afro-brasileira e minha dedicação à causa da educação antirracista. Essa trajetória também intensificou meu contato com autores negros, especialmente aqueles que se dedicam à produção literária infantil. Nomes expressivos nesse contexto, como Emicida (2018), (2020), Otávio Júnior (2019) , Kiusam de Oliveira (2021), têm sido agentes importantes na literatura, proporcionando às crianças experiências enriquecedoras e uma valorização da beleza da pele negra.

Ao ingressar na Universidade Federal de São Carlos em 2018, cursando pedagogia, realizei meu primeiro estágio não obrigatório em uma pequena escola particular em Sorocaba, onde trabalhei pela primeira vez com crianças bem pequenas de 2 e 3 anos. Neste período, não pude desempenhar minha função de estagiária da melhor maneira possível. A professora parceira com quem atuei já havia se formado no magistério e, desde então, trabalhava na mesma escola. No entanto, a instituição não demonstrava abertura e estava acostumada a realizar atividades apenas com o livro didático, explorando pouco o ambiente externo.

Durante meu estágio, participei da celebração do "Dia do Índio", agora oficialmente reconhecido como Dia dos Povos Indígenas pela Lei 14.402 (BRASIL, 2022). Esse reconhecimento destaca a diversidade cultural dos povos originários. Nas atividades escolares desse dia, realizaram-se pinturas faciais e brincadeiras de roda, embora algumas práticas possam simplificar a complexidade cultural dos povos indígenas. É importante destacar que segundo dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), baseados no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, estima-se a presença de aproximadamente 305 etnias indígenas no Brasil. Essas comunidades, que preservam 274 línguas, abrangem uma população de cerca de 896,9 mil indígenas, ressaltando a riqueza e a importância cultural desses grupos que vão além de atividades padronizadas. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem contemplar condições propícias ao trabalho colaborativo e garantir a organização adequada de materiais, espaços e tempos. Dentre essas condições, o documento garante:

A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América. (Brasil, 2010, p. 20)

Estes princípios são minimizados por atividades estereotipadas que levam as crianças a se limitarem na exploração da cultura. Esse momento me trouxe muita reflexão; tive a certeza de que a creche é um espaço que demanda lutas políticas. É o ambiente no qual os profissionais da educação devem buscar intencionalidades ao preparar atividades que visem contemplar o respeito à diversidade e à cultura, preocupando-se em combater estereótipos. Segundo Santos (2022), “A resistência na Educação Infantil passa pelo compromisso de estar ao lado das crianças e das pessoas que se responsabilizam por elas.” A resistência, nesse contexto, pode envolver a luta contra estereótipos, preconceitos e desigualdades, garantindo que a educação infantil seja um espaço de aprendizado enriquecedor e respeitoso para todas as crianças.

A Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) garante que a estrutura curricular das escolas precisam atender a determinadas condições, incluindo os princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (Brasil, 2010, p. 20)

Foi pautado nesses princípios que continuei trilhando meu caminho na área da educação, após esta vivência de pouco menos de um ano, ingressei no estágio no ensino fundamental 1 em uma escola pública. Durante este estágio também participei do projeto de extensão PIBID onde atuei com crianças de 3ºs e 4ºs anos com a temática democracia, gênero e as relações étnico-raciais.

Atualmente, trabalho com crianças da educação infantil, com idades de 2 a 5 anos, em uma escola particular em Sorocaba. Nessa instituição, juntamente com a equipe de professoras do Integral (contraturno escolar), desenvolvemos um projeto denominado 'Tons para lembrar e respeitar'. Esse projeto teve como objetivo trazer importantes obras literárias que se preocupassem e dialogassem com temas cruciais para a aceitação e valorização das diferenças, destacando especialmente a cultura afro-brasileira e africana

Nesta jornada com as crianças e de proporcionar uma educação com ludicidade, criatividade e de responsabilidade com a educação, a literatura sempre exerceu um fascínio sobre mim. As experiências dentro da escola de interação com as crianças durante as rodas de leitura despertam minha imaginação, especialmente quando estou imersa na literatura infantil. Como ponto de partida para o projeto e referência, escolhi o livro de Kiusam de Oliveira, "Com qual penteado eu vou?" Editora Melhoramentos, (Figura 2) publicado em 15 de junho de 2021.



Figura 2: Livro: Com qual penteado eu vou, de Kiusam de Oliveira

Este livro, além de trazer ilustrações belíssimas, tem um significado especial para mim, pois me conecta à minha infância, repleta de cabelos crespos. Ele que carrega simbolismos e representações cruciais que contribuem para a construção de uma educação antirracista. Essa obra marcou o início de uma jornada em busca de uma literatura que permita que as crianças explorem a diversidade da negritude, compreendendo os diferentes tipos de cabelos crespos e cacheados, e compreendendo a importância de celebrar suas raízes e histórias. A literatura na Educação Infantil é defendida e valorizada em vários documentos e é defendida na (DCNEI), que conforme estabelecido no documento de 2010, garante experiências que:

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura.

A imersão no universo dos livros proporciona uma abordagem leve e lúdica permitindo às crianças desenvolverem valores como respeito e identificação.

No próximo capítulo, a pesquisa abordará o contexto histórico do movimento negro destacando a educação como uma ferramenta crucial na desconstrução de preconceitos e na formação da identidade dos indivíduos. Diversos estudiosos, como Petronilha Gonçalves e Silva (2000), Nilma Lino Gomes (2003) e Kabengele Munanga (1994), contribuíram para a compreensão das questões raciais no Brasil. A discussão sobre identidade é enfatizada, mostrando como ela é moldada pela cultura e diferenciada em relação a outros grupos. No contexto da identidade negra, a complexidade desse processo é explorada, considerando a influência histórica, social e cultural, além dos desafios enfrentados pela discriminação racial. O capítulo destaca a presença do racismo em diversas esferas da sociedade brasileira, incluindo a educação, onde atitudes e pensamentos racistas ainda persistem no cotidiano.

Através deste percurso, no último capítulo trago um relato de prática em que busco proporcionar um ambiente que celebre a diversidade, fomentando respeito e encantamento por diferentes culturas para as crianças. Trazendo um constante movimento com o objetivo de proporcionar um espaço que permita às crianças explorarem, descobrirem, aprenderem e socializarem. Em minha prática, as questões relacionadas às relações étnico-raciais sempre foram fortes e significativas. Entendo como um direito, defendido na lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) proporcionar um ambiente preparatório no qual a criança, enquanto indivíduo, possa desenvolver consciência de suas origens e compreensão das diferentes culturas e contextos sociais. Nessa trajetória, busco na literatura uma linguagem que envolvam as crianças e que possa contribuir como um ponto de partida para uma educação antirracista. O olhar para a relação entre educação, cultura e identidade negra no contexto escolar é direito da criança e necessário para uma sociedade mais igualitária.

O presente trabalho provocou movimentação e inquietação no que diz respeito às práticas educativas que contribuem para uma educação antirracista nas crianças da educação infantil. Além disso, questiona os caminhos possíveis para uma educação de qualidade.

A investigação teve início ao observar crianças negras inseridas em ambientes escolares nos quais não são representadas, sendo tal desconexão atribuída à ausência de representatividade. Nesse contexto, tornou-se evidente a necessidade de compreender de que maneira a falta de diversidade e a sub-representação afetam a experiência educacional dessas crianças. E as crianças não negras que não percebem ou não possuem repertório e

representações diversas no ambiente escolar e social. A pesquisa busca ressaltar o potencial da literatura para a educação infantil e destaca a importância de promover a identidade e a cultura afro por meio da literatura infantil e das contribuições especialmente por autores negros engajados na luta por uma educação antirracista e igualitária.

Esta pesquisa busca caminhos para lidar com uma sociedade marcada por históricos de violência e ataques contra a comunidade negra, sendo composta por pretos e pardos, como estabelecido pelos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Casos frequentes, como o de George Floyd, de 40 anos, são exemplos impactantes, onde ele foi morto de maneira violenta e brutal por um policial em Minnesota, nos Estados Unidos, por meio de asfixia.

No Brasil, essa realidade também se revela extremamente cruel. De acordo com o acompanhamento realizado pela Rede de Observatórios da Segurança em estados como Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo, os dados revelam que, em 2022, a cada quatro horas, uma pessoa negra foi vítima fatal da ação policial nesses oito estados monitorados. Borges (2023) destaca que os negros e negras são desproporcionalmente alvo de disparos policiais. Essa alarmante constatação evidencia a urgência de abordagens e práticas antirracistas na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

A pesquisa visa oferecer compreensões teóricas e cronológicas sobre as batalhas e vitórias das pessoas negras no contexto educacional, com o propósito de garantir que essas crianças tenham acesso a uma educação que valorize e respeite a diversidade, promovendo, desse modo, a transformação de uma realidade marcada pelo racismo. Esse movimento tem como objetivo enfrentar os variados ataques direcionados à comunidade negra.

Para atingir esse objetivo, será realizado um levantamento de trabalhos acadêmicos sobre a educação infantil, literatura infantil e antirracismo, delineando uma trajetória para compreender o processo histórico e a situação atual.

A pesquisa também traz conhecimentos sobre a força e importância da literatura para educação infantil e de que forma ela pode efetivar uma educação antirracista. Trazendo referências negras da literatura e literatura infantil que contribuem para a representatividade e que abordam temas obrigatórios para o combate ao racismo. O trabalho trouxe como pergunta

norteadora; quais são as contribuições da literatura para construir uma escola antirracista desde a Educação Infantil?

Para que o assunto seja tratado desde as crianças bem pequenas de forma lúdica e brincante, e principalmente que elas tenham contato desde cedo com a diversidade e saibam se reconhecer como sujeito e se defender dos preconceitos enraizados.

A pesquisa analisa como a literatura com protagonistas negros e abordagem da cultura afro-brasileira podem efetivamente contribuir para a construção de uma educação infantil antirracista. Registrando e identificando estudos que abordem o percurso histórico da educação infantil antirracista no Brasil, destacando as conquistas de direitos e espaços da comunidade negra nesse contexto. Além de analisar a influência da literatura com protagonistas negros e que explore a cultura afro-brasileira na promoção de uma educação antirracista, investigando como esses elementos contribuem para a conscientização e valorização da diversidade desde a infância. E então contribuir para a construção de um repertório de estratégias e práticas eficazes que visem criar um ambiente educacional antirracista e transformador, oferecendo recomendações práticas para educadores e profissionais da Educação Infantil

2. Movimento negro e a Educação Antirracista

Não há como uma escola ser antirracista no Brasil sem a luta constante dos educadores para combater este malefício. A educação, como instrumento de construção e disseminação de conhecimento na sociedade, deve buscar a desconstrução dos preconceitos impostos e auxiliar na formação da identidade dos indivíduos. Diversos estudiosos direcionaram sua atenção para as questões raciais no Brasil; nomes como Petronilha Gonçalves e Silva (2000) , Nilma Lino Gomes (2000), Kabengele Munanga (2004) foram fundamentais para os estudos e compreensão desse fenômeno. Para entender e discutir o racismo é preciso entender o processo da formação de identidade.

De acordo com a análise do antropólogo Kabengele Munanga:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. (Munanga, 1994, p. 177-178)

A identidade de um grupo é moldada pelo que eles consideram importante em sua própria cultura, e também pela maneira como eles se diferenciam de outras culturas. A arte, música, dança, literatura dentre outros são importantes para a constituição e construção da identidade. O cientista social Jacques d'Adesky também contribuiu para a conceituação de identidade quando diz que:

A interação com o outro faz com que também transmitam uma imagem de identidade que pode ser aceita ou recusada. Nesse sentido, a identidade implica um processo constante de identificação do "eu" ao redor do outro e do outro em relação ao "eu". O olhar sobre o outro faz aparecer as diferenças e, por estas, a consciência de uma identidade (D'ADESKY, 2001, p. 40)

A identidade é a construção de um "nós" coletivo, não é intrínseca, mas sim uma forma de existência no mundo e com outros indivíduos. Ela desempenha um papel significativo na formação das conexões sociais e referências culturais de grupos sociais.

Segundo Nilma Lino Gomes a respeito da identidade:

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto (GOMES, 2002, p. 39)

No contexto da identidade negra, é fundamental compreender que esse processo envolve aspectos pessoais e sociais que estão intimamente conectados. Essa identidade é percebida como um fenômeno complexo, moldado ao longo da história, sendo influenciado por fatores sociais e culturais, e caracterizado por sua diversidade "[...] a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos[...]" Gomes (2003). Essa identidade é construída a partir de uma história cercada de discriminação e desigualdade.

A construção da identidade negra sendo histórica, social e cultural sofre com preconceitos raciais, e isso implica numa construção de identidade pautada em negação e exclusão. Gonçalves e Gonçalves e Silva (2000) destacam e descrevem um passado historicamente marcado pela escravidão que carregou estereótipos, discriminações e preconceitos.

No Brasil, quando se discute a respeito do racismo, segundo Gomes (2002) percebe-se que ele está envolvido em diversas manifestações sociais e culturais, estando presente em ambientes educacionais, políticos e midiáticos. Naturalizado, muitas vezes é possível presenciar atitudes, palavras e pensamentos racistas no cotidiano.

Esta realidade está presente por vivermos em um país com uma história marcada pelo racismo. “A herança do passado escravista, no início do século XX, marca profundamente as experiências da população negra no que se refere à educação”. Gonçalves e Gonçalves e Silva (2000 p. 139).

Portanto, é necessário promover a construção de uma identidade positiva nesse contexto. O impacto da escravidão e dos prejuízos históricos persistem na vida, na trajetória e na integração social dos descendentes de africanos em nosso país, uma vez também que historicamente as políticas públicas não se posicionaram de forma eficiente para a abolição do racismo, mantendo uma neutralidade que contribuiu para este problema sempre estivesse presente em todos os campos da sociedade, inclusive dentro da escola. Com isso há uma responsabilidade e um chamado para entender e enfrentar a questão, através de posturas e práticas que sejam eficientemente antirracistas. Enquanto não tiverem práticas pedagógicas e lutas para o combate do racismo, ele é reafirmado.

Na área da educação, como mencionado anteriormente, o cenário não se diferencia, desde a abolição da escravidão os movimentos negros lutam pela igualdade e qualidade de ensino para sua comunidade, uma vez que a educação é uma grande aliada para a ascensão social das pessoas e importante na construção de identidade Souza (2000). As instituições escolares também mantêm vestígios de racismo; quando não adotam uma postura combativa, acabam por perpetuar a presença do preconceito racial na vida cotidiana, contribuindo para a continuidade do ciclo de desigualdade.

A educação para os negros historicamente foi muito conflituosa, marcado por séculos de discriminação racial, segregação e acesso limitado à educação formal. Segundo Souza (2000), foram os movimentos negros que conquistaram direitos fundamentais para a educação. Foi diante de muita luta que no século XX os movimentos conquistaram marcos políticos históricos, ascensão social e melhorias de vida, para isto reivindicaram uma educação livre de preconceitos e de discriminação racial.

O movimento negro no Brasil, após a abolição, criou diferentes entidades e associações negras que se movimentaram pela conquista de uma educação de qualidade, vista como principal meio de ascensão social. Para Gonçalves e Gonçalves e Silva (2000) “Foram as entidades negras que, na ausência dessas políticas, passaram a oferecer escolas visando alfabetizar os adultos e promover uma formação mais completa para as crianças negras (p. 140).

As pautas educacionais sempre foram defendidas pelo movimento negro, que lutou para que fosse possível uma educação inclusiva e que não promovesse o silenciamento da diversidade da cultura afro e afro brasileira. Souza (2000), no texto "Por uma educação antirracista desde a creche!", destaca conquistas que se revelaram fundamentais na busca por uma educação de qualidade. Diante de considerável esforço, essa busca gradualmente conquistou espaço em locais que anteriormente não abordavam as problemáticas enfrentadas pela comunidade negra brasileira.

Importante destacar alguns movimentos negros que contribuíram para a história da educação: em 1950 durante o I Congresso do Negro Brasileiro no Rio de Janeiro, promovido pelo Teatro Experimental do Negro, uma das reivindicações destacadas na declaração final foi a importância do estudo do continente africano, da cultura negra brasileira e do papel dos negros na formação da sociedade brasileira. Nos anos seguintes, especialmente a partir do final da década de 1970, a mobilização dos negros em relação à educação ganhou destaque. Isso se refletiu de maneira marcante no texto final da Convenção Nacional do Negro pela Constituinte (1986), que recomendou a inclusão da história da África e do negro nos currículos escolares, além da revisão do material didático para combater preconceitos raciais em imagens e discursos que eram muito presentes. (Santos, 2005)

Em 1995, durante a Marcha Zumbi dos Palmares, um protesto em Brasília contra o Racismo, em prol da Cidadania e a Vida, o movimento negro apresentou à Presidência da República o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial. Este programa propôs várias iniciativas antirracistas, incluindo o acompanhamento dos livros didáticos para desconstruir preconceitos raciais. Além disso, propôs a formação dos professores para lidar com a diversidade étnico-racial, com o objetivo de identificar práticas discriminatórias e compreender suas repercussões na trajetória educacional das crianças negras. De acordo com Santos (2005) essas diversas pressões antirracistas e legítimas dos movimentos sociais e negros contribuíram para que vários estados e municípios reconhecessem a necessidade de reformular as normas de ensino, resultando em mudanças nas legislações que buscavam uma educação de qualidade em todas as esferas.

Em 2003, foi promulgada a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), resultado de várias batalhas travadas pelo movimento negro em busca de uma educação que rompesse com os paradigmas eurocêntricos. Essa legislação torna obrigatório o ensino da História e da Cultura

Africana e Afro-brasileira em todos os estabelecimentos de ensino Fundamental e Médio, sejam eles oficiais ou particulares:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. §1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. §2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (Brasil, 2003)

Entretanto, essa legislação apesar de ter sido uma grande conquista para a visibilidade da educação em respeito a cultura afro-brasileira e africana, não fornece orientações específicas para sua implementação, não menciona formação de professores, além de não abordar a educação infantil. Isso cria uma lacuna que possibilita a defasagem na efetivação da lei.

Outras conquistas foram acontecendo ao decorrer dos movimentos negros e documentos foram criados afim de auxiliar na efetivação da lei 10.639/03 e no processo de uma educação livre de preconceitos e discriminações.

Como parte do compromisso antirracista na educação e de lutas constantes, foi elaborado e aprovado, com a parceria da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o Parecer CNE/CP nº 3 em 10 de março de 2004. Esse parecer aborda as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, fornecendo conceitos, debates e princípios orientadores para a aplicação da lei 10.639/03. O parecer busca oferecer mecanismos assertivos para a manutenção de uma educação pautada em históricos racistas, além de reconhecer a problemática e a importância da presença da cultura afro-brasileira e africana, sendo manifestada com autonomia, individual e coletiva. O documento explicita o dever do Estado de se responsabilizar com a comunidade negra, garantindo permanência, educação de qualidade, pertencimento e reconhecimento. O parecer busca orientar a equipe escolar na consciência política e na diversidade, além de promover o fortalecimento das identidades étnico-raciais e oferecer ações educativas para o combate ao racismo e discriminações.

Além disso, a Lei nº 11.645/2008 complementa essa abordagem, ampliando a obrigatoriedade para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em

todo o currículo escolar, não se limitando apenas à Educação Básica, mas abrangendo também o Ensino Superior. (BRASIL, 2008). Essas legislações têm o propósito de promover a valorização da diversidade étnico-racial presente na sociedade brasileira, contribuindo para o combate ao racismo, para o reconhecimento da história e das contribuições culturais desses grupos, e para a construção de uma educação mais inclusiva e igualitária.

A luta antirracista na escola conquistou espaços e está presente em currículos orientadores que destacam a importância do trabalho de reconhecimento e de diversidade étnico-racial presente nas manifestações culturais afro-brasileiras e africanas (Souza, 2018). As orientações importantes para este trabalho aparecem nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 07/2010 e Educação Infantil (Parecer CNE/CEB nº20/2009 e Resolução nº 5/2009).

Esses movimentos e conquistas, “trata-se de uma luta política e social organizada em torno do acesso à Educação, da denúncia do racismo e do preconceito racial nas escolas, e da busca pela qualidade com a abordagem da história e cultura africana e dos negros no Brasil”. (Souza, 2018, p.92)

Diante disso, a educação escolar, com sua grande importância, deve estar pautada em um ensino antirracista, que permita que as crianças tenham o direito de receber uma educação de qualidade. Neste contexto, o próximo capítulo se dedica a explorar as nuances fundamentais da educação infantil, buscando compreender como o compromisso com um ensino inclusivo e antirracista desde os primeiros anos pode contribuir para a construção de um futuro mais equitativo e justo.

3. Caminhos Percorridos

A presente pesquisa é caracterizada por sua natureza qualitativa, consistindo em um estudo bibliográfico que inclui algumas memórias pessoais. A fase de levantamento bibliográfico abrangeu artigos, livros, dissertações e teses. Conforme delineado por André (2013 p. 97), “As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações”. Esse enfoque possibilita uma compreensão mais aprofundada e abrangente dos fenômenos sociais, favorecendo a construção de conhecimento que se atenta aos contextos específicos e às nuances das interações humanas.

Ao iniciar o desenvolvimento deste estudo, em reuniões de orientação e por meio de diálogos, foi possível estabelecer clareza em relação ao objeto de pesquisa, sendo a educação infantil e a educação antirracista. Isso conduziu à elaboração da questão-problema central: Quais contribuições a literatura infantil pode oferecer para a promoção da educação antirracista?

A partir desse momento, a realização de uma pesquisa bibliográfica inicial permitiu-me explorar as primeiras leituras que fundamentaram este trabalho, dentre essas se destacam Gomes (2002), (2003), Souza (2016), (2018), (2020), Gonçalves e Silva (2000), Machado (2007), Borges (2023), Munanga (2004), Cavalleiro (2018), Coelho (2000), Barbosa, (2014), Matos (2016), Silva (2000)

Obtive acesso aos documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (DCNs), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER), Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB).

Utilizei descritores (palavras-chave) previamente escolhidos, que abrangiam os temas: educação antirracista, literatura infantil, movimento negro, com foco na Educação Infantil e suas particularidades.

A seleção das obras foi orientada pela sua relevância para o objeto de pesquisa. Para esse propósito, foram conduzidas leituras crítico-reflexivas dos materiais escolhidos para integrar este estudo.

Na segunda parte do trabalho, trago uma vivência da prática do meu cotidiano em uma escola particular na cidade de Sorocaba, onde são compartilhada práticas pedagógicas que tiveram retornos positivos para a educação antirracista.

4. - Antirracismo na Educação Infantil: Tons para lembrar e respeitar.

A Educação Infantil, como a etapa inicial da Educação Básica, encontra respaldo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), especificamente no artigo 29 da Seção II. Este dispositivo assegura que a Educação Infantil tenha como objetivo promover o "desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social". Essa fase educacional busca complementar a ação desempenhada pela família e pela comunidade no processo de formação das crianças.

Conforme argumenta Gomes (2002, p. 39) acerca da função da escola, ela sustenta que "A escola é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.". É crucial reconhecer que o papel da escola não se restringe apenas ao aspecto positivo de disseminar conhecimentos enriquecedores. De maneira inadvertida, a escola pode também perpetuar e reforçar preconceitos, seja de natureza racial, de gênero, de classe. Também é defendido por Munanga (2005, p. 189) acerca do papel da escola que:

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente.

Essa visão ressalta a importância de a escola não apenas reconhecer, mas também assumir um papel ativo na superação de preconceitos e discriminações. Destacando a necessidade de um esforço coletivo, envolvendo alunos, educadores, gestores, e a comunidade como um todo, para promover uma mudança cultural e estrutural.

Pensando numa sociedade antirracista e a educação das relações étnico raciais cabe citar Cavalleiro (2018) "A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança.". Nesse contexto, a vivência na escola contribui significativamente para a socialização da criança, expandindo e aprofundando suas interações sociais. Dessa forma, o ambiente escolar desempenha um papel importante no desenvolvimento social da criança.

Dentro desse contexto, segundo Gomes & Silva (2002), ao entendermos a educação como um elemento integrante nos processos de humanização, socialização e formação, ela

não se desvincula dos processos culturais que envolvem a construção das identidades relacionadas a gênero, raça, idade, escolha sexual, entre outros. Nesse sentido, é crucial que a educação seja cuidadosamente planejada com o objetivo de abordar e combater os preconceitos e estereótipos, promovendo assim um ambiente pedagógico antirracista, inclusivo e respeitoso.

No ano de 2023, através de parcerias, trocas e inquietações, surge o projeto “Tons para lembrar e respeitar”, iniciado em uma escola particular de Sorocaba, buscando oferecer práticas pedagógicas antirracista como uma alternativa enriquecedora. O projeto se desdobrou no período contraturno, ou seja, durante o tempo fora do período regular para as crianças da pré escola (4 e 5 anos) e para as crianças da creche (2 e 3 anos) que ficam integralmente na escola.

A instituição educacional oferece o ensino integral, proporcionando aos pais a opção de deixar seus filhos um tempo maior dentro da escola para assim vivenciarem aulas extras de capoeira, dança, natação, teatro e circo. Durante esse período, elas também se envolvem em atividades extracurriculares e experimentam diversas propostas de atividades lúdicas, explorando o brincar e estimulando a imaginação em conjunto com a equipe de professoras do Integral;

O Integral, embora não esteja sujeito a uma rotina estritamente definida e não tenha a obrigatoriedade de elaborar planejamentos semanais e projetos específicos, dedica-se a promover o desenvolvimento integral das crianças dentro do ambiente escolar, preocupando-se com o cultivo de relações sociais saudáveis e o encanto inerente à experiência de ser criança.

A equipe de professoras do Integral, composta inteiramente por profissionais negras, introduziu neste ano uma iniciativa inovadora: o Projeto Tons para Lembrar e Respeitar. Este representa o primeiro projeto na educação infantil da escola que aborda o enriquecimento da cultura afro-brasileira e africana, conforme preconizado pela Lei 10.639/03, bem como a valorização da diversidade cultural. Além disso, buscou enriquecer o repertório das crianças por meio da exploração da literatura infantil.

O grupo composto por 20 crianças entre 2 e 5 anos, possui uma criança negra, que a princípio demonstrou pouco interesse com a temática. O que nos levou à reflexão da

importância de trabalhar com o embelezamento e enriquecimento da cultura negra, que abrange os pretos e pardos conforme definido pelo IBGE.

Sob essa perspectiva, o projeto foi progressivamente tomando forma e se consolidando, contando com o apoio integral da gestão escolar. Essa parceria possibilitou envolver as crianças de maneira eficaz no tema por meio de uma abordagem lúdica, visando ampliar o conhecimento delas sobre a rica cultura afro-brasileira e africana.

A literatura infantil teve uma grande importância no projeto, cabe destacar a importância como ressaltada por Nelly Coelho (2000, p. 29), “é no encontro com a literatura que podemos ampliar, transformar e enriquecer nossas próprias experiências de vida.”. E para isso, foram selecionados previamente livros que buscavam trazer um repertório maior para as crianças, compreendendo que a criança como um indivíduo é produtora de cultura e que, por meio de sua participação e interação com o mundo, constroem suas relações e culturas infantis relacionadas ao seu contexto de vida (Barbosa, 2014).

O projeto foi iniciado com a leitura do livro de Kiusam de Oliveira, “Com qual penteado eu vou” publicado em 15 de junho de 2021 pela editora Melhoramentos, conta a história de uma menina que está se arrumando para o aniversário do seu bisavô que estará fazendo 100 anos, ou seja se tornando um centenário, é apresentado no livro às crianças da família, cada uma com um estilo e penteado diferente, é destacado no livro nomes de origem africana que carregam significados que representam elementos importantes para a cultura africana, além de trazer também o conceito de sororidade.

No primeiro momento foi possível dialogar com as crianças a respeito da cor dos personagens e dos diversos penteados que as crianças do livro estavam. Muitas das crianças tiveram um olhar curioso para os penteados que possuíam turbantes, tranças e *Black Power* e no segundo momento as crianças brincaram de escolher com qual penteado elas iriam para a festa. Foram disponibilizados pentes, acessórios e cremes de cabelo para a exploração.

A leitura do livro aconteceu diariamente e as crianças passaram a contar e recontar a história uma para a outra, folheavam atentamente e passavam a conhecer melhor os personagens e tinham sempre curiosidades a respeito dos nomes de cada criança do livro e seus significados. A partir disso, as crianças do Integral fizeram a primeira personagem para o acervo de atividades, onde puderam observar o tom de pele e o tipo de cabelo da menina, pintaram com o tom de pele marrom e com papel crepom marrom fizeram o cabelo cacheado

da “Aisha”, nome que aprenderam no livro e escolheram para a personagem da atividade que tem como significado “Ela é vida” em Suaíli (Origem: África Oriental).

Todas as crianças se envolveram nesse processo, junto com as professoras do Integral que foram mediando a atividade e auxiliando na percepção do tipo de cabelo e no tom para a boneca e finalizando, a pequena “Aisha” (figura 3) ficou exposta para as crianças poderem apreciar a obra em conjunta que realizaram do livro que era sensação na turma.



Figura 3: “*Personagem Aisha.*” Do acervo pessoal da autora. 2023.

Com estas novas percepções, as crianças foram levadas a um olhar para os tons de pele, e foi apresentado para elas o livro “Gente de cor, cor de gente” de Maurício Negro publicado em 2017 (Figura 4).

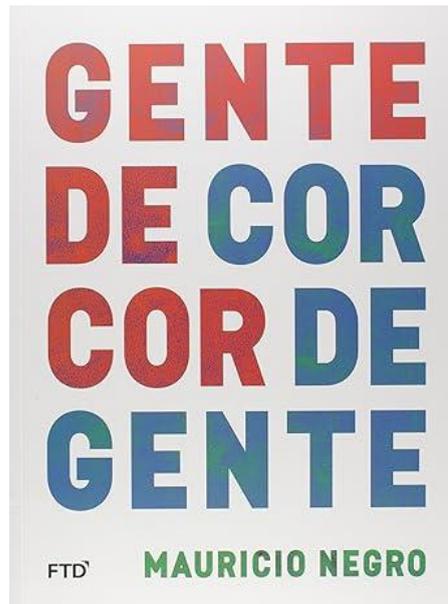


Figura 4: Livro: Gente de cor cor de gente de Mauricio Negro

Por meio de rodas de leituras, as professoras levavam as crianças para um diálogo, para assim explorar e tratar do assunto da melhor forma. Ao perguntar para uma criança de 2 anos, qual era a cor de sua pele, prontamente ela respondeu “verde”, talvez por conta de seu personagem favorito Hulk ou também por não ter a percepção que cada amigo tem um tom de pele. Com isso, junto com as crianças foram criados alguns tons de peles (Figura 5), usando tinta guache as professoras foram chegando ao tom mais próximo de cada criança, elas observaram e participaram do processo, onde puderam ver como deixar o tom mais claro ou mais escuro e com a observação as crianças puderam perceber a sua cor e a cor do outro, inclusive das professoras negras. Esta atividade trouxe muitas curiosidades para as crianças, que testaram diversos tons até então perceber o mais parecido e também relacionarem com o tom da boneca Aisha, feita por eles.



Figura 5: “Qual seu tom de pele?” Do acervo pessoal da autora. 2023.

Após terem feito esta atividade com ajuda das tintas diversas as crianças pintaram um papel com seu tom de pele e conseguiram compreender melhor a própria cor. Este trabalho também ficou exposto na sala em forma de paleta (Figura 6), do tom mais claro para o mais escuro, dessa forma as crianças puderam se apropriar mais do trabalho realizado em grupo e perceberem a variedade (ou não) das crianças da sala.



Figura 6: “Diversidade de tons de pele no grupo.” Do acervo pessoal da autora. 2023.

Com esta atividade foi possível observar que majoritariamente as crianças da sala são brancas e as pessoas negras incluíam uma criança e as quatro professoras do Integral, o que gera a reflexão do porquê as crianças pretas não estão presentes neste ambiente e como isso reflete na nossa sociedade que propaga o racismo.

Nestas conversas sobre tom de pele, conhecemos a Lêle, menina preta de longos cabelos cacheados, as crianças entraram no mundo do livro “O cabelo de Lêle” publicado em 2007, ficaram encantadas com os variados penteados de Lêle que também se tornou um dos livros favoritos das crianças, com o olhar curioso as crianças descobriram que o cabelo de Lêle era cacheado e volumoso, assim como o das professoras. Segundo Gomes (2002) em sua pesquisa etnográfica sobre “Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte” o corpo e o cabelo são percebidos como manifestações da identidade negra:

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (Gomes, 2002, p.3)

A análise do cabelo negro vai além de considerações estéticas, revelando a complexidade das relações raciais. Isso sublinha a necessidade de impulsionar uma sociedade verdadeiramente inclusiva, na qual a diversidade seja não apenas reconhecida, mas também valorizada, sem contribuir para a perpetuação de estigmas e desigualdades raciais. A partir disso as crianças foram levadas a conhecer os tipos de cabelos cacheados e crespos e conheceram os formatos diferentes de cada cabelo. A educadora ilustrou as variedades de tipos de cabelo utilizando um cartaz que exibia exemplos, os quais também são representados em produtos como cremes capilares e deixou expostos em sala. (Figura 7)

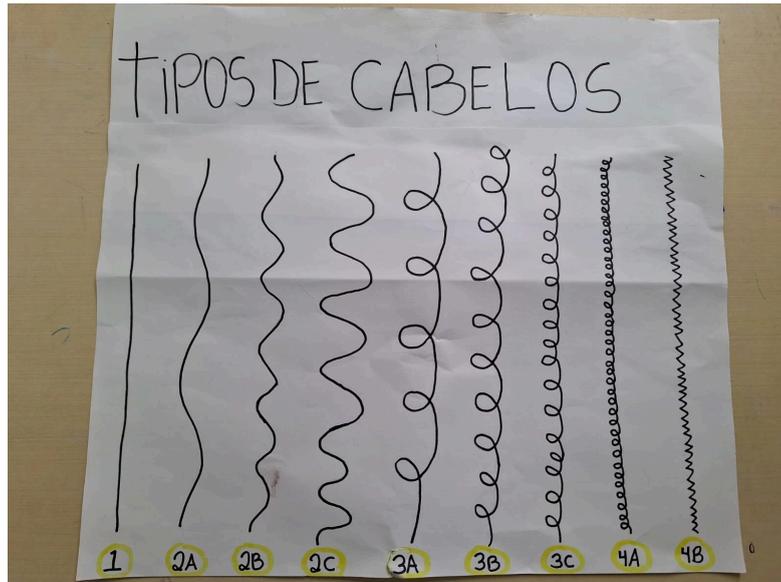


Figura 7: “Os tipos de cabelo.” Do acervo pessoal da autora. 2023.

Quem tem cabelo liso? Quem tem cabelo cacheado? As crianças foram se apropriando e reconhecendo a variedade, além de se apaixonarem pelo cabelo da personagem do livro. Outra literatura importante que nos auxiliou nesse projeto foi “Pretinha de Neve e os sete gigantes” de Rubem Filho, publicado em 2013 pela editora Paulinas, a leitura foi adaptada para as crianças pequenas, o livro conta a história de uma menina que vivia muito triste e solitária no reino, onde fazia muito frio. Certo dia ela pergunta ao tacho de cobre se existe alguma criança mais triste que ela e ao conversar com o tacho ela decide embarcar numa aventura fora do reino, onde encontra sete gigantes. (Figura 8)



Figura 8: Livro: Pretinha de Neve e os Sete Gigantes de Rubem Filho

A história apresenta belíssimas ilustrações que as crianças se encantaram. Nesses diálogos e rodas de conversa, as crianças foram convidadas a se olharem no espelho e encenarem o “Espelho espelho meu”. Participaram de uma atividade de autorretrato, na qual tiveram a oportunidade de escolher o tom da sua pele utilizando giz ou lápis de cor, e representar o tipo de cabelo por meio de lã ou barbante, tudo isso enquanto se observavam atentamente no espelho (Figura 9). Esse exercício promoveu não apenas a expressão artística, mas também incentivou a auto-observação e a apreciação da diversidade individual entre as crianças.

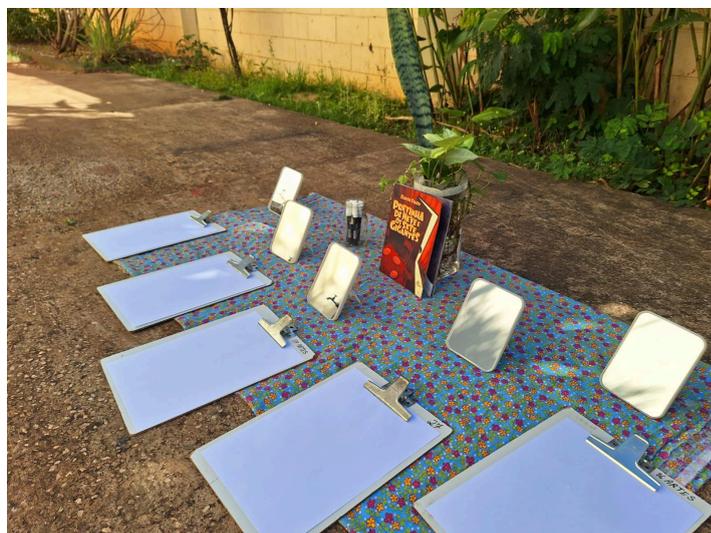


Figura 9: “Espelho, espelho meu. Quem sou eu?”. Do acervo pessoal da autora. 2023.

Cada criança, com suas potencialidades, se observaram, se reconheceram e produziram no papel. O resultado da atividade proporcionou a todas as professoras, inclusive a mim, a percepção de quão envolvidas as crianças estavam nas rodas de leitura e conversas, uma vez que reconheciam seus traços e tons de pele, dessa forma trabalhando a identidade de forma lúdica e brincante. Segundo Doin (2021, p. 79) “Precisamos construir, dentro desses espaços, um ambiente que não crie dicotomias; pelo contrário, que proporcione uma relação que respeite e valorize as crianças como sujeitos que criam e se relacionam na sociedade, construindo e trocando conhecimento.” Isso implica em reconhecer a capacidade das crianças de construir conhecimento e trocar experiências.

Após realizarem o autorretrato e se observarem, as crianças puderam notar a cor e o tipo de cabelo de seus amigos, a atividade ficou exposta na sala. (Figura 10)



Figura 10: Resultado da atividade “Espelho, espelho meu, quem sou eu.” Do acervo pessoal da autora. 2023.

O próximo convite foi realizar o retrato da Lêle e para isso, pedimos que as crianças escolhessem o penteado favorito para desenhar. Esse processo revelou-se extremamente enriquecedor, uma vez que as crianças se mostraram fascinadas pelas diversas opções de penteados e pelas cores vibrantes presentes no livro. (Figura 11)

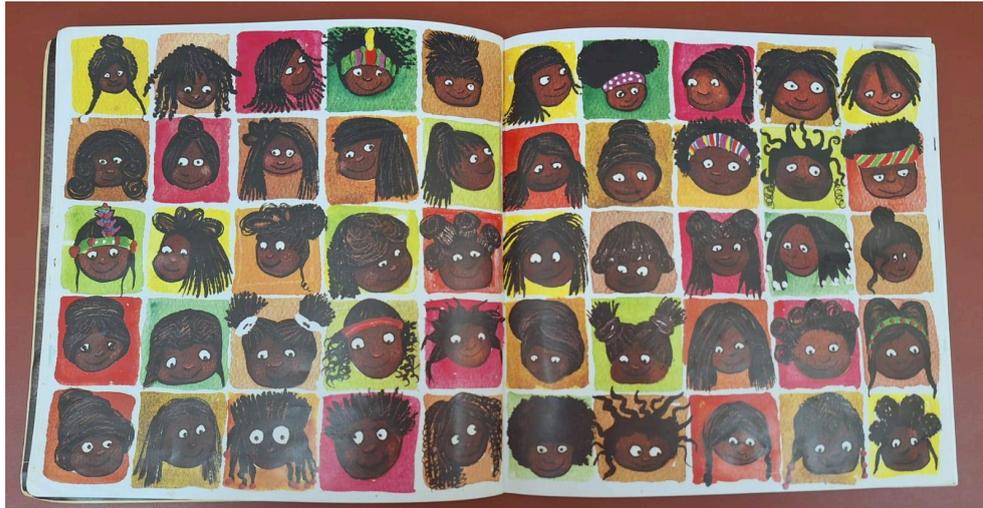


Figura 11: Página nº 16 e 17 do livro “O cabelo de Lelê de Valéria Belém.

Gomes (2002) ressalta que “Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial.” Assim, a compreensão da complexidade desses significados é fundamental para uma apreciação mais profunda da identidade negra e para confrontar estereótipos profundamente enraizados na sociedade.

Com os tons de pele consolidados e os tipos de cabelo sendo reconhecidos pelas crianças, criar a Lêle foi um processo muito divertido e reflexivo para elas (Figura 12), de forma independente as crianças escolhiam o lápis marrom e faziam os cachinhos da menina. Dessa forma, as crianças que pouco tinham contato com pessoas negras, viam na Lêle beleza e encantamento, processo importante para a formação das crianças na educação infantil. (citação)



Figura 12: Resultado da atividade: O cabelo de Lelê de Valéria Belém. Do acervo pessoal da autora. 2023

As produções das crianças eram sempre exibidas na sala de aula, proporcionando a todos a oportunidade de observar, se apropriar e apreciar suas atividades. Esse processo criava um ambiente em que as crianças se sentiam entusiasmadas em compartilhar seus desenhos e criações, promovendo um clima de valorização e reconhecimento das expressões individuais.

Ao longo do projeto, a exploração na literatura infantil desempenhou um papel fundamental na construção das percepções das crianças. Diariamente, as professoras conduziam contações de histórias, proporcionando às crianças a oportunidade de se apropriarem dos livros, com acesso a eles a qualquer momento, relendo as histórias e, nesse processo, descobrindo outras.

A obra "Meu Crespo é de Rainha", de bell hooks, publicada em 2018 pela editora Boitatá também encantou os pequenos leitores com a beleza do cabelo afro, de acordo com Matos (2016) o termo "cabelos afros" é empregado para descrever fios com formatos ondulado, cacheado e crespo, pois essa denominação engloba os diferentes tipos de cabelo que têm herança negra em sua genética. A presença de livros que trouxessem uma visão de embelezamento, permitiu que as crianças construíssem uma visão positiva da identidade negra.

Com o projeto em andamento, as crianças mostraram um profundo interesse pela obra *O Pequeno Príncipe Preto para pequenos*, de Rodrigo França, lançada em 2020 pela Editora Nova Fronteira. (Figura 13)

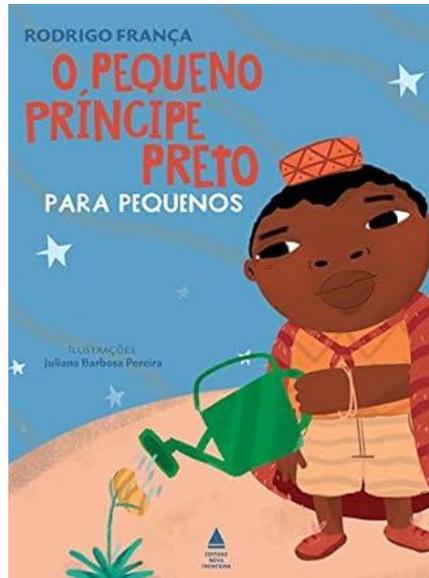


Figura 13: Livro *O pequeno príncipe preto para pequenos* de Rodrigo França.

Esse entusiasmo evidenciou a capacidade do livro em cativar a atenção dos pequenos, narrando a história do Pequeno Príncipe, que reside em um distante planeta com sua única companheira, uma árvore Baobá, de origem africana. Nessa jornada, o menino viaja por diferentes planetas, compartilhando valores de amor e empatia. Explorando os princípios da filosofia Iorubá como sua inspiração, o livro aborda temas como a ancestralidade, o afeto e o amor. Além disso, França (2000) apresenta ilustrações que destacam características físicas e de identidade africana, como pele escura, cabelos crespos, narizes achatados, lábios grossos e olhos negros, permitindo que as crianças fizessem conexões positivas com a cor e os traços negros.

O livro carrega simbolismos que representam a ancestralidade, elemento importante na cultura africana. Silva (2000) destaca que, ao abordar a diversidade étnico-cultural nas escolas básicas, o professor de artes, deve realizar uma reflexão cuidadosa sobre como criar uma ponte entre a cultura dos alunos e a cultura considerada "universal", incorporando e reconhecendo as diversas manifestações culturais no ambiente educacional.

Assim como Lêlê, as crianças foram convidadas a representarem através de desenhos a beleza do Pequeno Príncipe. (Figura 14)



Figura 14: Resultado da atividade do livro: O pequeno príncipe preto de Rodrigo França. Do acervo pessoal da autora. 2023

Ao conhecer melhor a respeito da Baobá, as crianças logo reconheceram que a árvore também aparecia no livro *Obax*, de André Neves, publicado em 2010 pela editora Brinque-Book (Figura 15), o livro é ambientado no continente Africano, acompanhamos a história de uma menina sensível e solitária que, após testemunhar uma chuva de flores, decide compartilhar sua experiência. No entanto, enfrenta a incredulidade dos outros, levando-a a encarar uma jornada para provar a veracidade de sua história. A narrativa é enriquecida pelas belíssimas ilustrações que capturam os costumes das comunidades locais, transmitindo a aridez e o colorido da África. Este livro tornou-se mais uma das obras que encantaram as crianças.

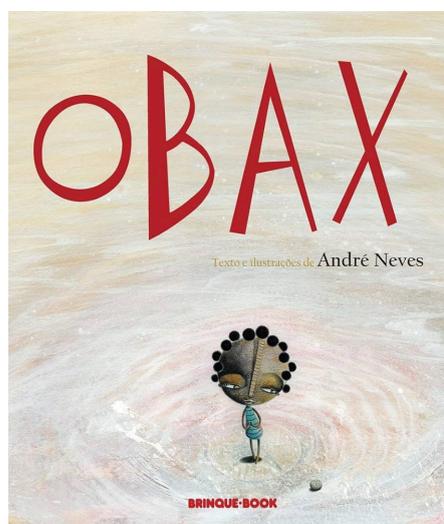


Figura 15: Livro: *Obax* de André Neves

Em conjunto com as literaturas e a abordagem do tema, o projeto, em colaboração com as crianças e com o respaldo da gestão escolar, conduziu uma pesquisa por meio de uma investigação na qual as crianças circulavam pela escola com uma prancheta em mãos com a paleta dos tons de pele, elas selecionaram alguns funcionários para identificar o tom de pele correspondente. A participação das crianças foi essencial, em grupo elas saíram pela escola e diziam de forma independente “Somos do Integral e estamos fazendo uma pesquisa, qual é o seu tom de pele?”. A pergunta sempre trazia reflexão para as pessoas, que se observavam e diziam para as crianças o tom que mais achava parecido. Essa atividade também possibilitou a observação do comportamento das crianças diante das escolhas dos adultos. Ao entrevistarmos uma professora negra de pele clara que se identificou como negra, notamos que as crianças ficaram surpresas, uma vez que a percebiam com um tom de pele mais claro do que aquele que ela havia escolhido. Isso evidenciou que as crianças estavam se envolvendo com o tema, mas ainda apresentavam dúvidas em relação às nuances do colorismo. Contudo, no caso dos colaboradores negros de pele escura, as crianças prontamente atribuíam a eles o tom correspondente, sem hesitação.

A pesquisa, assim como todas as atividades, foi disponibilizada em uma altura acessível para as crianças, permitindo que elas tivessem acesso ao conteúdo e pudessem analisar ao seu modo. Junto à pesquisa, as professoras colocaram em um quadro fotografias de todos os profissionais educadores negros presentes na escola. A fim de reforçar a visibilidade e embelezamento da cor. As crianças, sempre participativas, nomeavam um a um e se encantavam ao reconhecer suas professoras.

Para a conclusão do projeto, em colaboração e com o apoio da gestão escolar, as professoras elaboraram um comunicado aos pais. Neste documento, solicitaram a colaboração dos responsáveis, requisitando o envio de uma foto 3x4 de seus filhos para a composição de um quadro contendo as fotografias das crianças, juntamente com uma referência negra da família ou de alguém que a família admirasse.

O propósito relacionado às referências era criar uma porta de entrada decorada com uma grande boneca negra de lindos cabelos cacheados, vestindo um traje inspirado nas referências fornecidas. Essa porta ficaria em exposição para que as crianças pudessem apreciá-la. Os pais participaram ativamente da proposta, foram enviadas fotos de irmãos, primos, funcionários, personagens da mídia e etc. A vestimenta da personagem foi composta por nomes como o político Nelson Mandela, a apresentadora Oprah Winfrey, a ginasta Rebeca

Andrade, o jogador de futebol Pelé, o músico Bob Marley, a cantora Iza, o rei do pop Michael Jackson, a astronauta Mae Jemison, etc. As professoras também contribuíram com as fotos e trouxeram representantes importantes e familiares próximos. A execução da porta (figura 16) foi feita somente pelas professoras, mas sempre com o olhar atento das crianças.

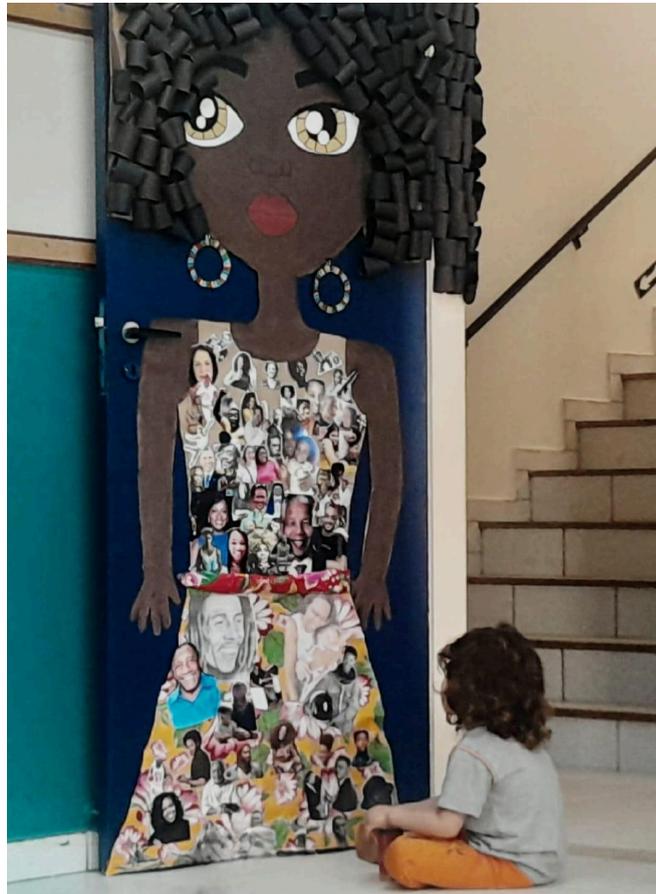


Figura 16: “*O encantamento refletido nos olhos da infância*” do acervo da autora. 2023.

O projeto concluiu-se no final do ano de 2023 com um encantador encontro dos pais na escola, intitulado "Laços e Nós". Nesse evento, as crianças tiveram a oportunidade de receber seus pais, apresentando orgulhosamente as atividades realizadas e compartilhando seus livros favoritos. A colaboração ativa dos pais proporcionou um ambiente de aprendizado envolvente, enriquecido pela contribuição de suas próprias referências e experiências. O encontro final, simbolizou não apenas o encerramento do projeto, mas também a concretização de vínculos mais profundos entre a escola, as famílias e as crianças.

Em síntese, o projeto "Tons para Lembrar e Respeitar" não apenas cumpriu sua proposta inicial de enriquecer a cultura afro-brasileira na Educação Infantil, mas também evidenciou a importância de iniciativas educacionais que promovem a conscientização, o

respeito e a celebração da diversidade desde os primeiros anos de vida. Este trabalho contribui não apenas para a formação integral das crianças, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e livre de preconceitos.

5. Considerações Finais

Em síntese, a análise detalhada do movimento negro e da educação antirracista revela a complexidade do cenário educacional brasileiro. As contribuições de renomados estudiosos, como Petronilha Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga, ressaltam a importância da construção da identidade no combate ao racismo. A formação da identidade, como discutido por Munanga, é um processo constante de diálogo, tanto interior quanto exterior, com os outros, evidenciando a interação entre o "eu" e o "outro".

A identidade negra, historicamente moldada por séculos de discriminação, desigualdade e preconceitos, demanda uma atenção especial. A herança do passado escravista, destacada por Gonçalves e Gonçalves e Silva, persiste na vida cotidiana, especialmente no âmbito educacional. A neutralidade histórica das políticas públicas contribui para a perpetuação do racismo, destacando a necessidade urgente de abordagens mais conscientes e inclusivas, capazes de combater as disparidades históricas e promover uma sociedade igualitária.

Ao abordar o contexto da educação, percebemos que a luta dos movimentos negros não é apenas por igualdade, mas também pela qualidade de ensino. A trajetória histórica revela que a educação para os negros foi marcada por conflitos, discriminação e acesso limitado. Os esforços dos movimentos negros resultaram em conquistas significativas, como a Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas e a Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena.

No entanto, é essencial reconhecer as lacunas existentes na implementação dessa legislação, especialmente no que se refere à formação de professores e à educação infantil. A conclusão evidencia a responsabilidade contínua de combater o racismo por meio de práticas e posturas anti racistas na educação. A necessidade urgente de incorporar tais posturas e práticas é um chamado para a transformação, visando construir um ambiente onde a diversidade seja celebrada e a discriminação, combatida de maneira incansável.

Através do projeto "Tons para Lembrar e Respeitar", desenvolvido em uma escola particular de Sorocaba, foi possível observar uma abordagem inovadora na promoção da diversidade e combate aos preconceitos na Educação Infantil. Segundo Machado (2007, p. 21), "É urgente e necessário que os professores dêem condições de acesso às crianças ao que de melhorar a humanidade tem produzido em termos de conhecimento." Ao promover essa abordagem, os professores desempenham um papel crucial na formação de indivíduos conscientes, capazes de apreciar e respeitar a diversidade, construindo assim uma sociedade mais justa.

O projeto, centrado na valorização da cultura afro-brasileira e africana, trouxe à tona a importância de uma educação cuidadosamente planejada, capaz de abordar e combater estereótipos, promovendo um ambiente pedagógico antirracista, inclusivo e respeitoso.

Ao longo das atividades propostas, desde a leitura de obras que destacam a diversidade até a pesquisa sobre tons de pele, o projeto proporcionou às crianças um espaço de reflexão, aprendizado e construção de identidade. A literatura infantil desempenhou um papel fundamental, permitindo que as crianças explorassem diferentes perspectivas, se encantaram com personagens diversos e, assim, desenvolvessem uma visão mais ampla e inclusiva do mundo ao seu redor.

6. Referências bibliográfica

ANDRÉ, Marli. O QUE É um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? Educação e Contemporaneidade, [s. l.], 19 jan. 2013.

Belém, V. (2012). O cabelo de Lelê. IBEP.

BRASIL. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010, 40p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica. Brasília, DF: MEC/SEB, 2013, 152p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil], Brasília, v.134, n.248, p.27833- 27841, 23 dez. 1996. Seção 1.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da

rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 26 Out. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000. Acesso em: 15 jan. 2024.

Constantino, F. de L. Comunidades de aprendizagem: contribuições da perspectiva dialógica para a construção positiva das identidades das crianças negras na escola. repositório.ufscar.br, 25 fev. 2010.

DOIN, R. R. O corpo (des)conhecido na docência da educação infantil: narrativas docentes. repositório.ufscar.br, 23 fev. 2021.

'Lá na escola (não) tem racismo!': reflexões sobre experiências formativas em educação para as relações étnico-raciais. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar, v. 3, p. 193-209, 2017. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/978/897>.

DE, Z.; RAMOS DE OLIVEIRA, M. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PROPÕEM AS NOVAS DIRETRIZES NACIONAIS? [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6674-o-curriculonaeducacaoinfantil&Itemid=30192>. Acesso em: 8 de dez 2023.

EDITORIAL, E. Rede de Observatórios revela que a cada quatro horas uma pessoa negra foi morta pela polícia em 2022. Disponível em: <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/rede-de-observatorios-revela-que-a-cada-quatro-horas-uma-pessoa-negra-foi-morta-pela-policia-em-2022/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

Emicida (2018). Amoras. Companhia das Letrinhas.

Emicida (2020). E foi assim que eu e a Escuridão ficamos amigas. Companhia das Letrinhas

Filho, R. (2010). Pretinha de neve e os setes gigantes. Paulinas.

França, R. (2020). O pequeno príncipe preto para pequenos. Nova Fronteira.

FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Política Indigenista, 2016. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e pesquisa, v. 29, p. 167-182, 2003.

GONÇALVES, L. A. O. Movimento negro e educação. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2024.

Machado, A. (2019). Menina bonita do laço de fita. Ática.

Machado, L. H. DE A. Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogias anti-racistas. repositorio.ufscar.br, 7 maio 2010.

MATOS, Lídia Transição capilar como movimento estético e político. In: I Seminário Nacional de Sociologia da UFS. Anais [...]. Sergipe: UFS, p. 845-858, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/viewFile/6082/5095>.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

Negro, M. (2017). Gente de cor, cor de gente. FTD.

Neves, A. (2010). Obax. Brinque-Book.

Oliveira, K. (2021). Com qual penteado eu vou? Melhoramentos.

Quais as crianças da Base Nacional Comum Curricular?: Um olhar para as culturas sem diversidade cultural. Debates em Educação, v. 1, p. 136-156, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2570>.

SOUZA, I. S. DE et al. DO SILÊNCIO DO LAR AO SILÊNCIO ESCOLAR: RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista Em Favor de Igualdade Racial, v. 1, n. 1, p. 137-146, 18 ago. 2018.